

Exame de consciência

» OTÁVIO SANTANA DO RÊGO BARROS
General de Divisão RI

Leio jornais diariamente. Um saudável exercício de contato com a realidade. Reconheço no jornalismo profissional uma fidedigna fonte para a formação de opinião. Embora me considere “digital”, ainda aprecio o periódico em papel, o folhear das páginas, a tinta impregnada nos dedos.

Na semana passada, fiz um levantamento nas capas dos principais jornais com foco na exposição das Forças Armadas, em especial do Exército Brasileiro, que denotasse prejuízo à imagem da instituição. Não foi uma surpresa a quantidade de citações, em vista dos últimos eventos trazidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga o envolvimento de agentes públicos e privados no combate à covid-19.

Contabilizei 23 chamadas de capa. A pesquisa se ateuve àquelas que continham a palavra militar, general, coronel, Ministério da Saúde, Ministério da Defesa ou o nome de alguma das Forças. Há muitos anos não se tem uma fotografia tão desfavorável e insistentemente divulgada nos mais diversos meios de imprensa.

Uma crise de imagem se caracteriza por uma ampla exposição negativa durante muitos dias. Vive-se, portanto, uma crise de elevada temperatura e claros reflexos para a confiabilidade da instituição. Não há como fugir de enfrentar com postura firme e responsabilidade institucional essa saravada de más notícias que ofende a imagem da Força e que se alastra pela opinião pública.

A imprensa não é a rainha absoluta da verdade. Acerta e erra, mas é fundamental para a fortaleza da democracia e para alertar os desvios de toda ordem. Criticar a imprensa não cicatrizará a ferida aberta nesse par de anos. Afinal, “jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade” (Randolph Hearst). É importante saber conviver nesse ambiente e auferir ensinamentos da relação. Tornamo-nos atores de um processo opinativo.

O Exército é uma grife poderosa. É, portanto, notícia! Alguns desejam pôr-se a seu lado, usá-lo despidoradamente e ainda tirar uma “selfie” por interesse pessoal. Assim, é preciso alijar esses operadores e estancar a hemorragia que suga a crença genuína incorporada na população e que desassossega a alma da instituição.

O marechal Castello Branco defendia o



afastamento das Forças Armadas do ambiente político-partidário. Criou regras que impediam o “ir e vir” de quadros entre os quartéis e esses ambientes. Sua postura reposicionou a instituição na linha mestra de agente de Estado.

Em um exame de consciência institucional, talvez fosse momento de, humildemente, restabelecer a exitosa estratégia do “Grande Mudo”. Empregada durante anos, mostrou-se valiosa para ultrapassarmos o bastião ideológico de Humaitá — metáfora do período pós-governo militar —, uma alusão à épica marcha do Chaco na Guerra da Tríplice Aliança.

Chegamos vigorosos ao século 21. Envolvermos os contendores. Sobrevivemos às vicissitudes. Conquistamos índices de aceitação que giram em torno de 75% de credibilidade. Nós somos profissionais em avaliar conjunturas com racionalidade. Não seremos ludibriados por maganos que desejam incorporar o nosso prestígio.

Deixaremos um robusto legado às futuras gerações por nos afastarmos deste imbróglio político-pessoal-partidário. Falta-lhe compreensão, à classe política, de nos-

sos mais caros atributos. Quando dizemos sim, é sim. Quando dizemos não, é não. Por conseguinte, não devemos buscar adaptação ao ambiente carbônico que os envolve.

Uma parte dessa classe tem-nos enxergado como peões — sacrificáveis — no tabuleiro de um jogo de interesses. Não o somos! Sempre estivemos prontos para participar do processo de construção do país, desde que nossos movimentos se alinhassem com o regramento constitucional. O agir assim é dever contido em nosso juramento de soldado, evocado com emoção nos primeiros dias da caserna: “... cuja honra, integridade e instituições defenderei, com o sacrifício da própria vida”.

Estive na ponte sobre o Riacho Itororó (Paraguai), local de uma das batalhas da zezembrada. Sentado na margem escarpada daquele curso d’água pude aquilatar a energia que empreendeu Caxias para impulsionar os seus comandados contra o inimigo entrincheirado. Ouve-se, hoje, o brado do alquebrado soldado: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. Do outro lado da ponte, o bem de nosso país. Entre nós e o objetivo há um obstáculo. Sobrepujemo-lo!

Paz e bem!

O trabalho de Neuza Meller na construção do Canal Universitário de Brasília

» RAFAEL VILLAS BÔAS

Professor e diretor da UnBTV, e Cleisyane Quintino, jornalista e integrante do Conselho Executivo da UnBTV

» CLEISYANE QUINTINO

Jornalista e integrante do Conselho Executivo da UnBTV

A UnBTV, canal universitário de Brasília, é sinônimo de informação para quem acompanha nossos conteúdos. Foi o que revelou a pesquisa interna de audiência realizada pela nossa equipe no primeiro semestre de 2021. Essa imagem foi construída ao longo de quase 15 anos do canal, que serão completados em novembro deste ano, e com o trabalho incansável de Neuza Meller, jornalista e servidora da UnB que dirigiu a UnBTV por uma década, de 2010 a 2020. Infelizmente, nessa data festiva, não poderemos contar com a presença de Neuza, que faleceu no dia 12 de julho de 2021 por complicações decorrentes da covid-19.

A atuação dela no âmbito da comunicação pública, em defesa da ampliação da relevância e visibilidade das televisões universitárias, é emblemática: como integrante da equipe do Centro de Produção de Cultura Educativa (CPCE), participou da transformação do órgão em canal universitário, que passou a ocupar o Canal 15 da TV a Cabo NET Brasília desde 2006, momento em que é criado o Canal Universitário de Brasília (UnBTV).

Foi durante a gestão de Neuza Meller que a UnBTV vivenciou um salto de qualidade em muitos aspectos: transformou-se em TV multiplataforma, com programação 24 horas, que pode ser visualizada pelo streaming (www.unbtv.unb.br), ou com acesso direto pelo portal da UnB (www.unb.br) e pelo canal 15 da NET Claro Brasília; ampliou a quantidade de integrantes da equipe, fazendo da UnBTV uma das maiores televisões universitárias do país, com 39 funcionários fixos, além de estagiários e com quantidade crescente de inscritos no canal do YouTube (www.youtube.com/unbtv), atualmente com 53.700.

Neuza Meller articulou, também, a expansão da UnBTV para os câmpus de Planaltina, Ceilândia e Gama; e se empenhou pela mudança da sede da UnBTV para um novo prédio, com instalações maiores e modernas, que será inaugurado até o final de 2021; além disso, contribuiu fortemente para a formação de muitas gerações de profissionais do audiovisual e do jornalismo, que tiveram oportunidade de estagiar na UnBTV, fato ressaltado em nota de pesar da Faculdade de Comunicação da UnB.

Neuza Meller integrava, na UnBTV, os Conselhos Administrativo, Executivo e Consultivo e coordenava a equipe de Relações Institucionais. Neuza Meller exercia também o cargo de diretora de Relações Institucionais da Associação Brasileira de Televisões Universitárias (ABTU).

No combate à pandemia da covid-19, a UnBTV, sob direção de Neuza, teve papel destacado ao produzir programas de divulgação científica. Em março de 2020, quando sabíamos muito pouco sobre o novo coronavírus, a UnBTV produziu uma série de vídeos curtos ouvindo pesquisadores da universidade para tirar dúvidas e orientar a população sobre as medidas sanitárias e de higiene necessárias ao combate à covid-19.

Ao longo de 2020, foram produzidos, ainda, programas de entrevistas com especialistas e o telejornal semanal *Boletim UnBTV* com um bloco permanente da Sala de Situação da Faculdade de Saúde da UnB, um instrumento de elaboração de diagnósticos que acompanha e analisa os dados da evolução da covid-19 no Distrito Federal e no país. Também foi produzida, em 2021, uma campanha em linguagem de animação para estimular a vacinação dos brasileiros e tirar as principais dúvidas em relação às vacinas

disponíveis. Mais do que nunca, a UnBTV levou informação para a sociedade e divulgou as pesquisas desenvolvidas na UnB, o que, aliás, segundo pesquisa interna de audiência, é o tipo de conteúdo que mais desperta interesse e mais motiva compartilhamentos de quem nos acompanha.

Paralelamente, a UnBTV, em parceria com a equipe da Secretaria de Comunicação (Secom), permitiu que a comunidade acadêmica de 58 mil pessoas se mantivesse informada das decisões dos conselhos superiores da UnB e participasse de webinários, promovidos pelas unidades de ensino e pelos decanatos, que passaram a ser transmitidos ao vivo pela UnBTV.

O legado de Neuza Meller, como profissional de exemplar dedicação à UnB e à causa da democratização da comunicação no Brasil, seguirá inspirando os sonhos de todos nós que lutamos por uma sociedade mais justa e igualitária. Uma das batalhas de Neuza que levaremos adiante é o esforço para que a UnBTV conquiste um canal aberto para conseguir se comunicar com toda a população do Distrito Federal, uma das maiores regiões metropolitanas do país, pois nas palavras de Neuza Meller, durante solenidade de aniversário de 10 anos da UnBTV: “É um contrassenso uma TV universitária estar dentro de um canal fechado. Porque é um canal público, financiado pelo povo e não temos ainda, infelizmente, uma legislação direcionada para as TVs Universitárias. Porque eu acho que aí, sim, o povo, a sociedade do Distrito Federal, vai ter condições de conhecer e estar muito mais próxima desta universidade, porque eu acho que a nossa missão é devolver para o povo que nos financia o conhecimento que é gerado dentro dessa instituição”.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O dragão de Pan Ku

Das inúmeras heranças amaldiçoadas, legadas pelos destrambelhados governos petistas, nenhuma outra tem sido mais deletéria e nefasta ao nosso país quanto aquela que reconheceria, pelos enviesados e vazios caminhos da ideologia, o status da China como economia de mercado. Com isso, de uma penada, em novembro de 2004, o governo empurrou, de uma só vez, e sem qualquer estudo preliminar de risco, todos os setores da economia interna brasileira para o campo minado do comércio chinês, controlado, de modo camuflado e estratégico pelo partido comunista daquele país.

De lá para cá, o que se viu e se vê por toda parte foi a invasão avassaladora dos produtos chineses, de duvidosa qualidade, em toda a cadeia produtiva do país, com prejuízos seríssimos, não só às indústrias nacionais, mas a todo processo de produção, que, da noite para o dia, parece ter recuado aos tempos da total dependência externa. Não seria exagero considerar hoje que nosso país passou a integrar, juntamente com outras nações financeiramente quebradas do Ocidente a grande carteira de investimentos da China. Existe, inclusive, quem prefira falar num restabelecimento de uma espécie de neocolonialismo, em que o governo central da China passa a explorar, de modo cabal, o que seriam suas novas colônias no Ocidente.

Foi dito aqui que por trás dessa estratégia mista entre economia e política expansionista está o fato de a China ligar pouco para investimentos tradicionais, preferindo a compra pura e simples de alguns setores importantes das economias dos países. Assim, eles preferem assumir o controle acionário ou, mais diretamente, todas aquelas áreas ligadas aos bens de produção, indo, também, com grande sede ao pote, aos setores de infraestrutura dos países, em que o poder de barganha e pressão é muito maior, e onde os limites para os lucros simplesmente não existem.

Nesse capítulo, os grandes empresários chineses, pretensamente donos das grandes empresas privadas, funcionariam como testas de ferro dos dirigentes do Partido Comunista Chinês (PCC), numa pantomima que os igualaria aos empresários do Ocidente. Tão logo demonstrem alguma independência ou sinal de rebelião, são prontamente postos de lado, acusados de corrupção e crimes financeiros, desaparecendo de cena e sendo, imediatamente, substituídos por outro personagem.

De fato, absolutamente nenhuma empresa chinesa, seja de que setor for, está livre da influência pesada do governo daquele país, devendo todo o esforço econômico, de qualquer setor, ser orientado segundo objetivos traçados pelos dirigentes partidários. Essa é, na visão dos economistas, o mais definitivo e acabado conceito de capitalismo estatal, onde todo o potencial da economia é voltado para objetivos estratégicos de dominação expansionista.

De acordo com dados fornecidos pelo próprio Ministério das Relações Exteriores, entre 2003 e 2019, os chineses ingressaram no Brasil mais de US\$ 72 bilhões, ou seja, 37,3% do total investido por outros grupos estrangeiros. Ao contrário de outros países investidores, os chineses preferem comprar participação em setores inteiros da economia, seja na área do pré-sal, nas hidrelétricas, no que for, que possa garantir domínio e poder de pressão. É desse modo que se age e é assim que se garante sua aceitação na Organização Mundial do Comércio (OMC) como economia de mercado.

Trata-se, no jargão popular, de “um jogo bruto”, com visão de médio e longo prazos e que pode ser resumido na palavra domínio. Ainda é incerto se a disseminação do vírus da covid-19 pelo mundo fazia parte dessa grande estratégia de hegemonia e dominação, mas, em todo caso, é fato que, com isso, as economias de todo o mundo, ao contrário da chinesa, foram à bancarrota e tornaram-se mais vulneráveis ainda e sujeitas à pressão do dragão chinês.

Dica para a PM

» Um casal tem feito uma festa dentro dos ônibus da linha 0.101. Sem vigilância, furtam celulares e o que estiver fácil. Sem agressão, sem violência.

Espaço público

» Nada como uma pandemia para deixar os órgãos de administração e vigilância adormecidos ou fora de combate. Em plena luz do dia, operários erguem um barracão de madeira no comércio local do Lago Norte, ao lado do supermercado Pão de Açúcar. Nenhuma iniciativa da Administração Regional ou do Brasília Legal foi tomada. Talvez estejam esperando a obra ficar pronta para destruir, o que causa mais estrago.

Liberar

» Agora, com o home office instituído e a calmaria no trânsito, fica sem sentido impedir os moradores das primeiras quadras pares do Lago Norte de fazer o retorno no local que foi criado para isso e impedido por canaletas instaladas.

Contra mulheres

» Foi preciso que Kelli Patrícia da Luz criasse a Associação de Mulheres Vítimas do Essure Brasil (Amveb) para buscar justiça às pacientes que fizeram implante com esse contraceptivo autorizado pela Secretaria de Saúde do DF. Na verdade, mulheres de todo o mundo protestam contra o Essure da Bayer. No Reino Unido, o Sistema de Saúde Pública é similar ao brasileiro. O Essure era uma alternativa não cirúrgica aos métodos de esterilização. Depois das dores crônicas nas pacientes, intoxicação por níquel, órgãos perfurados e até a necessidade de histerectomia, o escritório PGMBM, líder em ação coletiva, responsabilizou a Bayer pelos estragos, ganhando a causa na Justiça em favor de milhares de mulheres afetadas. A Secretaria de Saúde do DF não reconhece o problema.

» História de Brasília

Ainda sobre os cartórios, resta agora, que tomem providências para que não haja morosidade proposital nos casos de casamentos gratuitos. (Publicada em 4/2/1962)